



# Um ensaio crítico sobre ideologias revolucionárias

CF (EN) Ali Kamel Issmael Junior

O mundo hoje vive uma realidade onde as certezas estão sendo relativizadas e as democracias liberais, baseadas em Estados Nacionais, vêm sendo questionadas por aspectos ideológicos globalizantes e revolucionários. Dito isto, as consequências que estes movimentos acarretam nas sociedades podem e devem ser estudadas na História e inferidas, mesmo por um leigo como o autor deste trabalho. O propósito deste artigo é contribuir para que o leitor possa entender e refletir sobre os possíveis rumos em um período tão turbulento com experiências semelhantes do passado.

## Antecedentes – fim da Idade Média – início do mercantilismo e surgimento do capitalismo

Tudo começou com a crise do feudalismo na Europa (com a divisão da sociedade em nobreza, clero e plebe)

e o surgimento do capitalismo, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, no fim do século 14. Este movimento originou o surgimento de uma nova classe social chamada de burguesia, dedicada a atividades comerciais, que procurava obter lucro em seus negócios para gerar riqueza e status para si, cujos ganhos estavam relacionados à circulação de dinheiro, de forma a financiar o desenvolvimento do comércio, e que partilhavam, como ideais comuns, o lucro, o acúmulo de riquezas, o controle dos sistemas de produção e a expansão de negócios.

Este período de mudanças durou do século 15 ao 18, iniciando-se com as grandes navegações e expansões marítimas empreendidas pelos reinos europeus, por influência de uma burguesia mercante, que percebe e vende aos poderes dominantes da época que, para viabilizar seus ideais de expansão e grandeza, era necessário buscar riquezas fora da Europa. Esta burguesia e a nobreza

tradicional buscavam as commodities, ou seja, produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como ouro, prata, especiarias e outras matérias-primas que existiam em pequena quantidade ou não eram encontradas na Europa.

Financiados por reis e nobres, estes comerciantes, ao chegarem às Américas, iniciaram um ciclo de exploração, visando fornecer estes produtos na Europa, alimentando as indústrias nascentes que substituiriam a mão de obra artesanal pela produção em escala de bens com mão de obra assalariada, objetivando ampliar os nichos de mercado, gerando mais enriquecimento e acúmulo de capital.

Com o fortalecimento da burguesia, novos valores associados a ela surgiram e os paradigmas do feudalismo foram sendo questionados, com este processo se caracterizando por uma ruptura com as estruturas medievais tradicionais, com efeito nas artes, na filosofia e nas ciências. As melhores expressões disso foram o Renascimento e a Reforma Protestante que, guardadas as devidas proporções, podem ser considerados como movimentos revolucionários, tendo como exemplos de pensadores e artistas Leonardo Da Vinci, Nicolau Maquiavel, Galileu Galilei, René Descartes, Martinho Lutero, entre outros.

## O surgimento dos movimentos revolucionários liberais e socialistas

No âmbito político, os reinos então começaram a depender destes burgueses para sustentar seu poder, de forma que isto acabou por gerar uma tentativa de controle da burguesia por parte do clero e da nobreza, tendo na Contrarreforma e no Absolutismo a expressão dessa reação. Isto iniciou o fim do casamento entre os burgueses e os poderes tradicionais oriundos do feudalismo. A burguesia acabou por derrubar o Antigo Regime com as revoluções liberais e concretizou o modo de produção capitalista a partir da Revolução Industrial no final do século 18 (Aquino et al, 1999).

Todo processo histórico engloba em si contradições que, se forem relegadas a segundo plano pelos seus condutores, podem levar à instabilidade das relações sociais e gerar as ditas “revoluções”. O capitalismo e o comunismo surgiram desse conceito. Essas contradições se traduzem em desigualdades sociais, reveladas na percepção coletiva da maioria da sociedade de privilégios injustos de uma determinada parcela dela (a dominante), em detrimento da exploração de outra (a dominada ou explorada), em que esta última não detém os meios de preponderar sobre a outra. No caso do capitalismo libe-



**Martinho Lutero, pai da Reforma Protestante**

ral, o seu desenvolvimento não se refletiu inicialmente sobre a classe menos favorecida e, aparentemente, menos influente nos rumos das sociedades: a plebe, o cidadão comum que depende somente de seu trabalho para sobreviver, nem nos escravos, que ainda foram utilizados até o século 19.

Com a expansão burguesa e os primórdios da Revolução Industrial, a plebe mudou de perfil. Passou a sair dos campos para as cidades e ocupar um papel motor da produção industrial, passando a ser chamada de classe proletária. Uma maioria que os pensadores iluministas, de origem burguesa, perceberam que poderia ser alçada a um grau de consciência de sua existência como classe (de forma mais explícita, somente no século 19, com Marx), mas que deveria ser controlada para se conseguir a vitória contra os nobres (principalmente) e o clero do Antigo Regime.

Com o esgotamento do feudalismo e a desídia no trato das condições de vida da plebe por parte da nobreza e do clero, além da crescente crise moral e de liderança, tem-se o estopim para as revoluções liberais na Europa, bem como nas colônias, a partir do final do século 18. O exemplo mais claro e importante deste fato foi a Revolução Francesa em 1789, em que a burguesia explorou as desigualdades e contradições existentes, criando a instabilidade necessária para a ruptura social (violência e guerra civil), que, segundo seus defensores, conduziria a uma mudança nas injustiças do regime vigente.

O que a burguesia revolucionária francesa não contava é que sua criatura acabaria por engolir seus criadores.



**A Tomada da Bastilha, pintura de Jean-Pierre Houël (1789)**

No caso francês, este período conturbado mostrou como esse espírito revolucionário só leva ao fratricídio e ao quase desmantelamento do país. Quando os outros regimes absolutistas europeus passaram a atacar a França Revolucionária, a burguesia daquele país entendeu que somente um regime forte e que unisse o país contra as ameaças externas seria capaz de manter a ordem, a paz, o poder e os lucros. Assim surge o período napoleônico.

Nos quinze anos em que permaneceu no poder, Napoleão governou de forma ditatorial e arrastou grande parte da Europa à guerra, controlando em 1810, quase toda a porção ocidental do continente, exceto o Reino Unido. Em 1790, o filósofo britânico Edmund Burke, em seu livro *Reflections on the Revolution in France*, previu acertadamente que a Revolução Francesa acabaria na perdição, terror, morte e ditadura. As evidências das nefastas consequências da Revolução Francesa podem ser vistas no Cemitério de Picpus em Paris, onde se encontram as valas comuns onde integrantes de todos os espectros políticos da época, e muitos inocentes, hoje repousam. Esta revolução liberal vitimou, pela guilhotina, cerca de dezoito mil pessoas (BBC BRASIL, 2021).

Com a difusão das ideias liberais iluministas e a situação do proletariado em todos os países que passavam

pela Revolução Industrial, começou-se a questionar as condições subumanas dos trabalhadores, com jornadas de trabalho de dezesseis a dezoito horas, baixos salários, ausência de seguridade na velhice, nas doenças, na invalidez, no desemprego e a situação de miséria (AQUINO et al, 1999).

O capital e o trabalho iniciavam o seu processo de oposição mútua, incentivada por pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, de origem burguesa, diga-se de passagem, que instigavam os proletários à busca por uma sociedade “mais justa”, o que levou ao surgimento dos movimentos socialistas/comunistas, como também dos abolicionistas.

## **Marx e Engels: o comunismo como “solução” às contradições do capitalismo**

Service (2015) explica que Marx e Engels reconheciam três fontes de seu pensamento: no campo político, Maximilien Robespierre (1758-1794), advogado e político francês, participante da Revolução Francesa (como já vimos, de cunho iluminista), que implementou na França um regime de terror pela guilhotina, acabando por

ser guilhotinado; no campo econômico, David Ricardo (1772-1823), economista e político britânico, teórico do capitalismo britânico (o que não deixa de ser irônico) que, em sua obra capital, *“Principles of Political Economy and Taxation”* (1817), expôs suas principais ideias econômicas, que favoreceriam a burguesia industrial contra a classe ruralista; e no campo filosófico, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que considerava os acontecimentos históricos uma sequência progressiva em direção a “melhores condições existenciais para as pessoas e as coisas”.

Mesmo assim, Service (2015), explica sobre Marx e Engels que:

“Fundamental para o marxismo era o sonho do Apocalipse seguido pelo advento do Paraíso. Era o mesmo tipo de pensamento do judaísmo, cristianismo e islamismo. Marx havia sido criado no seio de uma família judia que se convertera ao cristianismo; a família de Engels era protestante. Marx e Engels, como ateístas na fase posterior de suas vidas, negavam o conceito de que os verdadeiros crentes seriam recompensados com a eternidade no Paraíso; contrário a isso, afirmavam que eles e seus sectários criariam uma sociedade perfeita aqui mesmo na Terra. A doutrina cristã prescrevia que os ímpios teriam um fim desgraçado na volta do Messias. Na mesma linha de pensamento, de acordo com os fundamentos do marxismo, os que obstruíssem o avanço do comunismo em busca da supremacia seriam esmagados. As classes dominantes da atualidade se arrependeriam amargamente do domínio que exerciam sobre a humanidade”

Ou seja, a partir de princípios religiosos, iluministas e liberais, Marx e Engels distorceram essas influências sem serem, efetivamente, religiosos, políticos e muito menos economistas. Infelizmente, como ídolos *pop-star* vazios, conseguiram, a partir de seus escritos confusos, encantar uma massa desprovida de senso crítico. Acabaram por atingir a popularidade necessária para serem alçados ao



**Marx e Engels**

posto de filósofos influentes dessas massas que, na sua maior parte, nem leram seus escritos, mas que são influenciadas por discípulos retóricos dessas ideias. O risco disso é o pragmatismo da ação, ou seja, que não se deve compreender o mundo de fato, mas sim transformá-lo irresponsavelmente ao seu bel prazer, sem a medida crítica das consequências, como Carvalho (2015) nos explica:

“Não se trata de compreender o mundo, mas de transformá-lo. [...] O desejo, o ímpeto, a ambição – da alma individual ou das massas revolucionárias – torna-se o fundamento único de uma cosmovisão onde a teoria já não serve senão para estimular retoricamente a ação prática ou para uma vez realizada a ação, legitimar como satisfatório o que quer que tenha dela resultado na prática. Mesmo que a ação produza efeitos totalmente diversos dos esperados, já não haverá distanciamento crítico suficiente para julgá-los, e eles serão não somente aceitos, mas celebrados pela teoria

como normais e desejáveis: a teoria não tem aí nenhum valor autônomo, está reduzida ao papel de uma racionalização a posteriori, de uma apologia do fato consumado.”

Carvalho (2015) então explica esse viés pelo comportamento de seus seguidores:

“A capacidade das esquerdas mundiais para justificar, em nome de uma utopia humanitária, as piores atrocidades do regime comunista

**Retirada de Napoleão de Moscou, pintura de Adolph Northen, 1851**



– e, exterminado o comunismo na URSS, para continuar a pregar com a maior inocência os ideais socialistas como se não houvesse relação intrínseca entre eles e o que aconteceu no inferno soviético –, é uma herança mórbida que, através de Marx, veio do epicurismo. Não é de se estranhar que a evolução de um século do pensamento marxista tenha desembocado em Antônio Gramsci, o teórico do “historicismo absoluto”, que assume declaradamente aquilo que Marx estava apenas insinuando: a abolição do conceito de verdade objetiva e a submissão de toda atividade cognitiva às metas e critérios da práxis revolucionária: a absorção da lógica na retórica, da ciência na propaganda ideológica.”

Após as diversas experiências práticas do comunismo no século 20 (como na Rússia em 1917), o resultado foi a pior faceta dos movimentos revolucionários:



**As fábricas químicas da BASF em Ludwigs**

prisão, tortura e assassinio. A evidência destes motes do comunismo foram apresentados por Curtois *et al* (1997), demonstrando que o Movimento Comunista Internacional acabou por exportar essa ideologia para outros países, ao custo da morte de milhões de vidas humanas como: vinte milhões na ex-União Soviética, 65 milhões na República Popular da China, um milhão no Vietnã, dois milhões na Coreia do Norte, dois milhões no Camboja, um milhão nos Estados Comunistas do Leste Europeu, 150 mil na América Latina, 1,7 milhões na África, 1,5 milhões no Afeganistão, e dez mil mortes “resultantes das ações do movimento internacional comunista e de partidos comunistas fora do poder”.

O que se observa é que o comunismo nada mais é do que um subproduto maléfico das falhas do capitalismo. Uma utopia que, em seu começo, tentou conquistar adeptos por meio dessa suposta defesa dos proletários. Mas, de fato, era e é apenas mais uma corrente criada por pensadores de origem burguesa para privilegiar uma minoria, também burguesa que, se não é a dominante, almeja este status sob a propaganda da igualdade, e na identidade de um partido único, o comunista, ou entre outros que supostamente fariam oposição, após a tomada do poder (Estratégia das Tesouras<sup>1</sup>). O que impulsiona esse movimento é a vontade persistente em destruir os pilares vigentes de uma sociedade, motivadas pelo sentimento de que seus integrantes podem transformar o mundo com suas ideias, explorando as frustrações de uma parcela supostamente menos favorecida



**Valas comuns no Cemitério de Picpus em Paris, usadas para o sepultamento das vítimas da guilhotina durante a Revolução Francesa.**



<sup>1</sup> “Estratégia das Tesouras” na dialética de Hegel e Marx (para não se falar da astúcia de Lênin e das sutilezas de Gramsci) intenta jogar com as contradições não somente no plano teórico, mas no de ação prática para se atingir um objetivo que, no caso, seria a conquista e permanência no poder. Lênin sempre falou e praticou esta política da “Estratégia das Tesouras”, que consistia em ter dois partidos comunistas sempre dominando o cenário político, midiático, econômico e social do país. Um com viés autoritário/estatal, por exemplo, e o outro ou com viés mais ameno ou democrático/apaziguador. (AMIGOS DA DIREITA, 2017).



hafen, Alemanha (1881)

dessa mesma sociedade (como no caso anterior das revoluções liberais).

## Conclusão

Este artigo apresentou, de forma não exaustiva, evidências do fracasso de ideologias revolucionárias como solução dos problemas sociais e econômicos, por meio da apresentação de aspectos históricos, culturais e psicológicos de suas implantações, por exemplo, na Revolução Francesa, de cunho liberal, e com o comunismo de Marx e Engels. O que se conclui é que o princípio e o fim destas aventuras político-sociais estão no homem, nas suas aspirações e frustrações, e que, por isso, as sociedades precisam se equilibrar para evitar os “encantos” fratricidas desse tipo de movimento. A manutenção dos Estados Democráticos de Direito, especialmente os de cultura ocidental, depende desta visão preventiva, visto que os movimentos revolucionários estão sempre à espreita, se infiltrando na sociedade, mudando seus rótulos e propaganda, mas mantendo seus meios de ação e objetivos de forma dissimulada.

Longe de ser um paradigma terminado no século 20, as ideologias revolucionárias se apresentam como uma constante ameaça à estabilidade e evolução das nações, especialmente as democráticas e liberais. O estudo e a análise deste fenômeno social e político não se esgotam com este trabalho. Pelo contrário, suas conclusões indicam que é fundamental o aprofundamento de estudos neste tema, devido às falhas oriundas nos próprios regimes liberais que, mesmo assim, na opinião deste autor, ainda são a melhor opção para evolução econômica e social das nações. ■



Guerra do Afeganistão de 1979

## Referências bibliográficas

AMIGOS DA DIREITA. Conheça a estratégia da tesoura? Disponível em: <<https://amigosdadireita.blogspot.com.br/2015/06/conhece-estrategia-da-tesoura.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

APROVADO NO VESTIBULAR Resumo do Renascimento – O que foi? Obras e Autores. Disponível em: <<http://aprovadonovestibular.com/renascimento-resumo-o-que-foi-obras.html>> Consultado em 26.jan.2018.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; ALVARENGA, Francisco Jacques Moreira de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 37ª ed. Editora Record, 1999.

BASF. O Nascimento da Indústria Química e a Era dos Corantes. Site BASF. Disponível em: <<https://www.basf.com/pt/company/about-us/history/1865-1901.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

BBC BRASIL. Site traz lista de guilhotinados na Revolução Francesa. BBC Brasil. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080325\\_guilhotinalista\\_ac](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080325_guilhotinalista_ac)>. Consultado em 26.jun.2021.

BIO LOUNGE. Pensando bem...Site Bio Lounge. Disponível em: <<http://biolounge.blogspot.com.br/2016/10/pensando-bem.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

CARVALHO, Olavo de. O Jardim das Aflições – De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. 3ª ed. Campinas. São Paulo. Editora Vide Editorial, 2015.

CITAÇÕES DO SAMPAIO. Martinho Lutero. Disponível em: <<https://citacoesdosampaio.wordpress.com/2016/11/10/martinho-lutero-monge-teologo-e-professor/>> Consultado em 26.jan.2018.

COLA DA WEB. Feudalismo. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/historia/feudalismo>>. Consultado em 26.jan.2018.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão. Bertrand Brasil, 1999.

LEPANTO. Há 520 anos as naus de Colombo aportaram na América... Disponível em: <<http://www.lepanto.com.br/historia/ha-520-anos-as-naus-de-colombo-aptaram-na-america/>>. Consultado em 26.jan.2018.

MUSEU DE IMAGENS. Napoleão Bonaparte. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/napoleao-bonaparte/>>. Consultado em 26.jan.2018a.

MUSEU DE IMAGENS. A Queda da Bastilha, por Jean-Pierre Houël, de 1789. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/queda-da-bastilha>>. Consultado em 26.jan.2018b.

SERVICE, Robert. Camaradas - Uma História do Comunismo Mundial. 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora DIFEL, 2015.

OPERA MUNDI. Hoje na História: 1848 - Marx e Engels publicam o Manifesto Comunista. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/2984/conteudo+opera.shtml>>. Consultado em 26.jan.2018.

WAHOO ART. A colheita, óleo sobre painel por Pieter Bruegel The Younger (1564-1636, Belgium). Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@/8LT57J-Pieter-Bruegel-The-Younger-A-colheita>>. Consultado em 26.jan.2018.